

Avaliação da Gestão Hospitalar em Crise de Dengue

Jenifer Vanieli de Sá Monte Sião¹

Renato Cunha Pena²

Vanessa Cristina Soares Motta³

Luanda Fratchesca Gomes⁴

O Brasil enfrentou em 2024 um dos maiores surtos de dengue da última década, provocando colapso temporário em diversas unidades de saúde pública e privada, com recordes históricos de casos e internações. A dengue é uma arbovirose transmitida pelo *Aedes aegypti*, que apresenta grande impacto no sistema de saúde brasileiro, especialmente em períodos de alta transmissão sazonal, nos meses quentes e chuvosos. A epidemia aumentou significativamente a demanda por atendimento, expondo fragilidades estruturais das unidades hospitalares, escassez de leitos, insumos e profissionais qualificados. Este estudo teve como objetivo analisar os desafios enfrentados pela gestão hospitalar durante o surto e as estratégias adotadas para mitigar seus efeitos, considerando também o impacto econômico e operacional sobre os serviços. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica em bases nacionais e internacionais, análise de boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde, relatórios hospitalares e notícias de veículos oficiais, além da observação de experiências de planejamento emergencial adotadas em diferentes estados. Observou-se que a administração hospitalar em situações de crise exige planejamento estratégico, protocolos claros, comunicação integrada, treinamento das equipes e uso de tecnologias para triagem e monitoramento. Segundo o Ministério da Saúde (2024), “a adoção de planos de contingência e protocolos assistenciais específicos para dengue é fundamental para reduzir internações e mortalidade em surtos epidêmicos”. Hospitais de campanha e unidades temporárias de atendimento permitiram desafogar unidades de pronto-socorro, enquanto protocolos de classificação de risco, como o Protocolo de Manchester, e fluxogramas baseados em sinais de alarme reduziram o tempo de espera e otimizaram a alocação de recursos. A integração entre os níveis federal, estadual e municipal mostrou-se essencial, assim como a descentralização de serviços e adoção de medidas de telemedicina e triagem informatizada. Os dados indicam que, apesar do esforço emergencial, a falta de planejamento prévio e prevenção estruturada agravou a sobrecarga do sistema, destacando a necessidade de investimentos contínuos em atenção primária, saneamento básico, vigilância epidemiológica e capacitação de profissionais de saúde. A experiência da epidemia de 2024 reforça a importância da resiliência institucional, gestão baseada em evidências, protocolos assistenciais atualizados e planos de contingência permanentes. Conclui-se que a gestão hospitalar eficiente durante crises epidemiológicas depende de ação integrada, planejamento estratégico e implementação de tecnologias e protocolos que garantam atendimento seguro e oportuno, evidenciando que políticas públicas preventivas são essenciais para reduzir impactos de futuras epidemias de dengue e outros agravos endêmicos no Brasil.

Palavras-chave: Dengue. Epidemiologia. Gestão Hospitalar. Planejamento. Vigilância.

¹ Graduanda em Gestão Hospitalar da Faculdade ITA Educacional, e-mail: jm7929@gmail.com

² Graduando em Gestão Hospitalar da Faculdade ITA Educacional, e-mail: renatocpena@gmail.com

³ Graduando em Gestão Hospitalar da Faculdade ITA Educacional, e-mail: vanessag3motta@hotmail.com

⁴ Docente e Coordenadora do Curso de Gestão Hospitalar da Faculdade ITA Educacional, e-mail: luanda@itaeducacional.com.br